

Ministério da Cultura
e Associação Casa Azul
apresentam

Manual Flipinha 2025

F L I P I N H A
F I P I N H A

Editorial

A 23ª edição da Flip se aproxima e com ela renovamos o compromisso de aproximar a literatura das escolas, tornando-a uma experiência viva, criativa e transformadora. Este material foi elaborado como uma ferramenta de apoio para o trabalho com crianças e adolescentes nas escolas. Nele, estão reunidas informações sobre autoras, autores, temas e inspirações que podem servir como ponto de partida para conversas e atividades educativas. Um dos principais propósitos do Programa Educativo da Flip é envolver a comunidade local – especialmente as infâncias, juventudes e suas educadoras e educadores – no coração da Festa.

Em 2025, o Educativo Flip propõe um convite à imaginação: como as crianças podem pensar futuros possíveis para o planeta? Em um tempo marcado por mudanças ambientais e sociais, a literatura se apresenta como um território fértil para refletir sobre as relações entre seres humanos e o meio ambiente, os impactos da crise climática e as diversas formas de viver em coletividade. Como trazer essas questões para o universo infantil de maneira sensível e acessível? A programação da Flipinha oferece caminhos. Os livros têm o poder de ampliar horizontes, despertar perguntas e inspirar novas formas de agir. Nesta edição, a seleção de obras valoriza

saberes diversos, o pensamento científico e a força criativa que habita cada criança.

A curadoria busca abrir diálogos que contribuam para imaginar outros mundos possíveis — porque imaginar também é transformar.

Ao longo do material, consideramos fundamental reconhecer que um livro é uma obra construída por múltiplas linguagens. A escrita, a ilustração, o projeto gráfico, a edição e tantos outros aspectos que colaboram para dar forma, ritmo e sentido à experiência de leitura. Cada uma dessas linguagens carrega intenções, escolhas e autoria. Ainda que neste material nos concentremos nas autoras e autores convidados da 23ª edição da Festa literária, incentivamos que educadoras e educadores, junto a seus estudantes, investiguem e valorizem os demais profissionais que contribuíram para a criação das obras. Que literatura, imagens, infâncias e as/os incríveis educadoras/es de Paraty possam, juntos, cultivar formas mais saudáveis, sensíveis e coletivas de estar no mundo.

Belita Cermelli

Diretora de Cultura e Educação da Flip

Introdução

Olá, professora e professor,

Este é o Manual da Flipinha, que apresenta um pouquinho das autoras e autores da 23a Flip, que acontecerá entre 30 de julho e 03 de agosto de 2025. É um prazer apresentá-los, juntamente com as obras que os trouxeram até aqui. Como você poderá observar, são autoras e autores excelentes, alguns com uma trajetória mais longa e outros nem tanto, mas todos contribuindo para que tenhamos uma literatura rica e diversa, repleta de brasilidade.

Aqui trazemos uma pluralidade de títulos, alguns com temáticas ambientais, em diálogo mais direto com tema Planeta Vivo, como o livro de histórias *Cerrado em Quadrinhos*, de Evandro Alves; o *Têhêy Yãmixoop: o grande tempo das águas*, de Dona Liça Pataxoop, uma linda história contada em imagens, que nos aproximam da cosmovisão indígena; o livro *Azul Haiti*, de Paty Wolf, que aborda poeticamente a questão climática e a imigração; o livro *Os Pterossauros do Brasil*, de Luiz E. Anelli, que, ao apresentar os famosos seres pré-históricos, nos faz entender sobre nosso planeta.

Outros trazem a importância da diversidade cultural, da valorização da cultura dos povos originários e afrodescendentes, buscando um equilíbrio na forma de conhecer

nosso território através de diversas lentes, buscando descentralizar a hegemonia de uma "eurovisão", de uma história única, como nos falou Chimamanda Ngozi Adiche¹.

Para que o nosso planeta se mantenha vivo, devemos prezar pela diversidade cultural, pelo entendimento de uma história que se constitui por vários povos com suas culturas. Inaldete Pinheiro de Andrade com o livro *Uma aventura do Baobá*, apresenta uma história de travessia com raízes diaspóricas; o livro *A jabota poliglota*, de Denilson Baniwa, mostra a importância da diversidade linguística e nos apresenta uma história bilíngue (em português e nheengatu). A autora Heloisa Pires nos presenteia com *Livro Tem Língua?*, escrito por ela e por Aliã Wamiri Guajajara, que traz o encontro de duas crianças, uma indígena e outra afrodescendente, uma moradora de uma aldeia e a outra de um quilombo, que compartilham brincadeiras nas línguas ze' egete (do povo Guajajara) e na língua portuguesa falada no Brasil, com influência africana. Repare, também, a linguagem visual do projeto gráfico do livro. Afinal, livro tem língua?

E, para finalizarmos essa conversa com você, trouxemos a linguagem poética de Roseana Murray, com seu livro *Braço mágico*. Chico dos Bonecos reconta uma história tradicional em seu livro *Seis meses depois...*, brincando com

1 Vídeo: *Chimamanda Adichie: O perigo da história única*.

a sonoridade das palavras. Por fim, temos a linguagem musical em forma de livro-brinquedo *Barbatuques: música, jogos e brincadeiras*, do grupo Barbatuques, com um convite à exploração de ritmos e melodias na percussão corporal e a proposta de aguçar os ouvidos para a paisagem sonora do entorno e do corpo.

Desejamos que essa publicação amplie os elos entre a Flip e toda a comunidade escolar, deixando-os com mais vontade de conhecer estes autores e de ler os livros apresentados e outros tantos.

Excelente leitura!

Helô Pacheco

Coordenação Pedagógica

Índice

Alves

Cerrado em quadrinhos

Antônia Gomes Minchoni

O bocejo da serpente

Barbatuques

Barbatuques: música, jogos e brincadeiras

Chico dos Bonecos

Seis meses depois

Denilson Baniwa

A jabota poliglota

Heloisa Pires

Livro tem língua?

Inaldete Pinheiro de Andrade

Uma aventura do velho Baobá

Dona Liça Pataxoop

Têhêy Yãmixoop: o grande tempo das águas

Luiz E. Anelli

Pterossauros do Brasil

Paty Wolf

Azul Haiti

Roseana Murray

Braço mágico

Anexo Paulo Leminski

Toda poesia



Alves

Alves em trabalho de campo

Notas biográficas

Alves nasceu em 1976 em Itabira (MG), mas foi criado na pequena na cidade de Lagoa Santa (MG), região de cerrado. Sua paixão por esse bioma vem daí, de comer as frutinhas do cerrado; de observar os animais em suas tocas. Em suas vivências, lia o cerrado e desenhava as experiências. Autodidata, passou a desenhar para os jornais, cartuns, histórias em quadrinhos e tirinhas. Assim se tornou cartunista, quadrinista e ilustrador. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) se tornou mestre em Geografia. É autor dos livros *A rua de lá*, *Loboguará e Lobeira* e *Material poético*. Já teve seus trabalhos publicados em diversas revistas e jornais nacionais e internacionais, além de ter contribuído com roteiros para a Maurício de Sousa Produções.

Reconhecido como um dos cartunistas mais premiados do país, acumula mais de cinquenta premiações em salões de humor no Brasil e no exterior. Em 2015, no Festival Internacional de

Quadrinhos de Belo Horizonte (FIO), apresentou a exposição "Cerrado em quadrinhos", abordando a ocupação predatória do Cerrado e seus impactos na flora, fauna, populações tradicionais do bioma e na sociedade em geral. Como fruto da exposição, lança *Cerrado em quadrinhos* pela Editora Peirópolis, em 2024.

Livro em destaque: Convite à leitura

Por Nina Rizzi²



Escrito pelo geógrafo e quadrinista Evandro Alves, este livro oferece uma visão rica e multifacetada do Cerrado brasileiro, um bioma que, embora vital para o nosso país, é frequentemente mal compreendido e estereotipado.

Através de uma vasta coleção de quadrinhos profundamente poéticos, Alves aborda questões cruciais sobre o Cerrado, como a ocupação da terra, as comunidades que ali vivem, e a relação complexa entre os seres humanos e esse ambiente natural. O autor nos convida a refletir

2 Nina Rizzi é historiadora, educadora, poeta, professora, tradutora e autora do livro *A melhor mãe do mundo*. Participou da programação da 21ª Flip, na roda sobre Maternidades e de Operações Flipinha em 2024.

sobre quem habita essa região, quais animais e pessoas estão envolvidos na sua exploração e como as mudanças climáticas afetam essa paisagem.

Um ponto central do livro é a crítica à visão simplificada que muitas vezes domina a percepção do Cerrado. Alves desconstrói a ideia do sertão-cerrado como um espaço violento e hostil, revelando a profundidade e a riqueza cultural e social que existem nesse bioma. Ele nos mostra que, sob a superfície da "natureza bruta", há uma história rica que se entrelaça com as vidas dos habitantes locais.

Além disso, o autor trata dos desafios ambientais enfrentados pelo Cerrado, especialmente em relação à exploração agropecuária, que tem levado ao desmatamento e à perda de biodiversidade. Ao abordar esses temas por meio dos quadrinhos, Alves torna as questões acessíveis e impactantes, proporcionando uma nova forma de engajamento com o assunto.

Escolhi este livro não apenas pela sua relevância atual, mas também pela forma inovadora como apresenta uma narrativa visual que pode despertar a consciência crítica sobre a preservação do nosso ambiente. Acredito que *Cerrado em quadrinhos* seja uma leitura essencial para todos que desejam entender melhor as complexidades da relação entre ser

humano e natureza, especialmente em um contexto tão significativo como o do Cerrado.

Bibliografia

Livros publicados por Alves

Cerrados em quadrinhos.

São Paulo: Peirópolis, 2024

Material poético.

Porto Alegre: Brasa, 2023

Lobo-guará & Lobeira. A

mazon, 2020

A rua de lá.

São Paulo: Graffiti, 2010

Material para consulta

<https://museucerrado.com.br/arte/cartoon-charge/evandro-alves/>

Museu do cerrado

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor, você já trabalhou com seus estudantes sobre o bioma do cerrado?

Este é um livro que os estudantes vão gostar por ser em histórias em quadrinhos, que captura o leitor rapidamente pela imagem e pelo texto conciso. É desta maneira enxuta que Alves traz vários questionamentos sobre o que está acontecendo com o cerrado brasileiro, sempre com uma ponta de ironia e humor. Há um intercâmbio entre arte e ciência, que amplifica a importância das Histórias em Quadrinhos na escola.

Pode ser interessante conversar com eles, levantando os pontos abordados no livro, e pesquisar a situação atual do cerrado em outras

publicações e na internet, para que ampliem ainda mais seus conhecimentos.

Ao ler o livro *Cerrado em quadrinhos*, observe que animais são os personagens, o tipo de paisagem, a população e o que vem acontecendo com o bioma. Observe a junção do texto com a imagem, como Alves cria o humor, a ironia, escolhendo o tipo de fonte, como o texto aparece, as expressões dos personagens, entre outros recursos utilizados na construção da narrativa.

Na apresentação do livro, Nurit Bensusan diz que o cerrado é um bioma pouco valorizado no Brasil, invisibilizado. Talvez seja importante localizar a região desse bioma, pesquisar em mapas, relacionar com outras regiões semelhantes em outros continentes, como as savanas da África. Sugerimos observar as características, os animais, os tipos de plantas, trazendo imagens encontradas na internet, para que esse livro crie ainda mais significado, pois farão uma leitura melhor do mundo.

No fim do livro há um Qr Code que leva aos textos "Os Quadrinhos e a Geografia" e "E os Quadrinhos? As HQs no Ensino de Geografia", de Teresa de Carvalho, que podem ajudar a entender ainda mais esse livro no contexto da ecologia, da geografia e de outras ciências.

Ótima leitura e exploração do livro com as/os estudantes!



Antônia Gomes Minchoni

Notas biográficas

Antônia Gomes Minchoni nasceu em São Paulo, em 5 de junho de 2015, mas diz ser potiguar. Não veio sozinha, nasceu bem acompanhada de sua irmã gêmea, Ana. Frequenta saraus desde cedo e sempre mostrou ter boca e ouvido para a palavra; começou a falar rápido e logo sustentou um vocabulário que impressionava. Como uma ilha cercada de livros por todos os lados, antes de aprender a ler e escrever, se interessou por desenhar os títulos dos livros e fazia misturas das palavras criando novos títulos. É inteligente, sensível e generosa. Tem sempre o corpo em movimento, desenha, pinta, canta e escreve poesia durante esses 10 anos de sua vida. Tem a infância na ponta da língua e a linguagem no corpo todo. *O bocejo da serpente* é seu livro de estreia pelo selo Dosburritos (doburro).

Livro em destaque: Convite à leitura



O bocejo da serpente é o livro de estreia de Antônia, que reúne poemas que criou entre 2017 e 2024. Antônia nos surpreende com a liberdade de sua poesia, com seus desenhos, com o cuidado com a letra, com o formato do poema e com sua pouca idade.

No poema em que traz o pirulito, vemos bem o universo infantil e o cuidado com a imagem que são duas linhas verticais, que nos diz muito. Já no poema em que começa com "o caminho é...", ela nos deixa a imaginar de quem é este caminho, coloca algumas dicas: elefante, nariz, congo, sagrado e junto com estas palavras rimas. Há o recurso de iniciar um verso com "o caminho dela é...", e no seguinte "para achar é só..." repetido quatro vezes, o que imprime um ritmo ao poema, uma brincadeira como um enigma. Junto vem o desenho de um caminho em que há um elefante, um desenho de criança em que conta uma história.

No poema que inicia com o verso "Tempo passa, passa o tempo", Antônia dialoga com o poema "Relógio" de Vinícius de Moraes, se apropria de algumas ideias e reinventa. Revela

esse universo poético em que está inserida no contexto familiar, os saraus que frequenta desde pequena, como vimos nas notas biográficas.

Este é um livro para conversar sobre o processo de criação de um livro, ao observarmos as páginas com o caderno, ao vermos seus escritos sobrepostos, seus desenhos.

Há muito mais o que apreciar no livro *O bocejo da serpente*, porém deixamos para você descobrir as ilustrações, o projeto gráfico e os poemas de uma obra surpreendente.

Bibliografia

Livro publicado

O bocejo da serpente.

São Paulo: selo Doburro, 2024

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor,

O livro *O bocejo da serpente*, da Antônia Gomes Minchoni, pode ser inspirador para você propor a seus estudantes a criação de um livro de poesia da turma, como uma coletânea, com um poema de cada criança. Assim como a autora, elas poderão buscar inspiração em poemas de outros poetas.

O poema em que os versos "o caminho dela é...", "para achar é só..." pode provocar um jogo interessante de palavras e ideias. Você pode criar dois versos coletivamente e depois

propor que criem os outros em duplas, trios ou individualmente.

O poema "Longa história" pode gerar boas conversas sobre animais de estimação e também a criação de novos poemas. O poema que fala da força do passarinho traz uma bela comparação. É uma força? É uma brincadeira que traz uma imagem? É uma contraposição? Que força é essa do passarinho? Seria possível criar outros versos que dialogam com este?

Como se pode observar nos poemas, Antônia é boa de rima. Que tal brincar de rimar com as crianças?

No final do Manual há uma proposta de um jogo de Sarau, você poderá propor este jogo depois de ler *O bocejo da serpente* – está lembrado que Antônia já participou de vários saraus?

Você também pode propor pesquisarem outros livros de poemas e escolherem os que mais gostam e assim montarem um caderno com os preferidos da turma. Este caderno pode ser único ou cada criança ter uma cópia ou o seu pessoal. Os poemas preferidos podem ser a base para um sarau, em que as crianças leem ou recitam os que mais se identificam. É importante que haja um clima de liberdade e que só se apresente quem quiser. Com o hábito dos saraus, elas vão perdendo a vergonha.

Os poemas preferidos também podem ganhar visibilidade ao serem expostos em murais.

Professora e professor, estas são apenas sugestões, você conhece a sua turma e saberá o que é mais adequado para trabalhar com ela — dê asas à imaginação!



Grupo Barbatuques: da esquerda para direita em pé, Luciana Horta, André Hosoi, Maurício Maas, André Venegas, Mairah Rocha, Marcelo Preto, Heloiza Ribeiro, Dani Zulu, agachados, Charles Rasz, Renato Epstein, João Simão, Tais Balieiro, Giba Alves

Notas biográficas musicais

O grupo "Barbatuques" começou com Fernando Barba — falecido em 2021 — como líder e principal compositor que, ao brincar com o som produzido com o próprio corpo, passou a investigar ritmos e a convidar outras pessoas para esta pesquisa sonora.

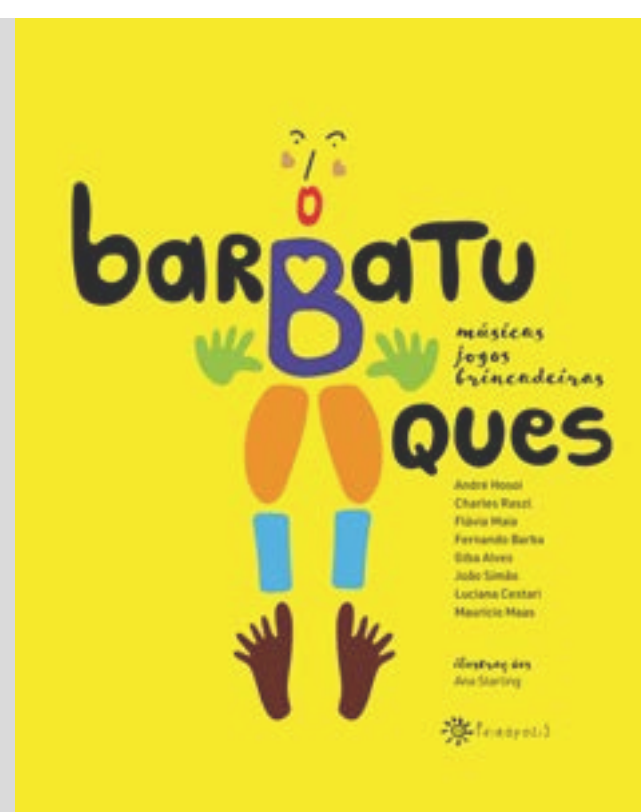
Ao explorarem sons produzidos pelo corpo humano, como palmas, batidas no peito, estalos,

sapateados, vácuos de boca, recursos vocais entre outros sons, criam ritmos e melodias. Fazem shows, oficinas e atividades pedagógicas pelos diferentes cantos do mundo e também publicam livros.

O grupo foi fundado em 1997 e já contou com diversos integrantes, como Fernando Barba, André Hosoi, Marcelo Pretto, André Venegas, Giba Alves, João Simão, Lu Horta, Heloiza Ribeiro, Mairah Rocha, Maurício Maas, Renato Epstein, Charles Raszl e Luciana Cestari.

No livro *Barbatuques: música, jogos e brincadeiras*, os autores são André Hosoi, Charles Raszl, Flávia Maia, Fernando Barba, Giba Alves, João Simão, Luciana Cestari e Maurício Maas.

Livro em destaque: Convite à leitura



O livro *Barbatuques: música, jogos e brincadeiras* é um convite à exploração musical com o próprio corpo, em uma linguagem acessível que sensibiliza a escuta para os sons emitidos pela pessoa e pelo entorno, ampliando a percepção musical. Brinca com os sons de percussão do corpo, com a voz e traz também cantigas e

trava-línguas, que são exploradas juntamente com a percussão sonora.

Logo no início, apresenta o mapa dos sons do corpo e, a partir de símbolos, nos ensina a explorar o livro e a criar ou a acompanhar uma pauta sonora para brincar.

Há também Qr code que mostra os músicos explicando a proposta, explorando os sons, criando ritmos e melodias, facilitando a elaboração de propostas com as crianças.

Esse é um livro muito especial para adultos que queiram fazer explorações sonoras com crianças e até adolescentes. Ou mesmo os que queiram incluir essas ideias em suas produções musicais.

As ilustrações de Ana Starling trazem uma leveza e uma alegria de apaixonar. O projeto contribui muito para que seja um livro de fácil uso – até a lombada tem uma flexibilidade para abrir bem o livro! É daqueles que quando vemos, o coração aquece de felicidade.

Bibliografia

Livros publicados pelo grupo Barbatuques

Barbatuques: Músicas, jogos e brincadeiras.

São Paulo, Peirópolis, 2024

ABCTUQUES.

São Paulo, Peirópolis, 2024

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor,

A respeito deste livro, nem precisamos indicar nada, pois o livro fala por si só, as propostas estão todas lá, tão facilmente explicadas que é um presente do grupo Barbatuques para você.

Caso queira conhecer mais o grupo, procure na internet e encontrará várias apresentações.

Aproveite as ideias do livro e crie outras. O que você acha de, depois de explorar bastante os sons do corpo, convidar outra turma para que as crianças brinquem criando improvisações musicais? Podem começar ensinando a fazer alguns sons para que elas copiem e depois podem brincar de espelho em duplas, um inventa um som e o outro copia, mudando depois os papéis – quem imitou, passa a inventar. Pode também mudar as duplas, formar quartetos, assim vão criando sons com o corpo. Você pode inventar outras brincadeiras com as crianças.

Ótima leitura e exploração do livro com as crianças!



Chico dos Bonecos

Notas biográficas

Chico dos Bonecos é professor, escritor e contador de histórias. Organiza oficinas com professores de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, revivendo e espalhando brincadeiras milenares e planetárias – e também os “brinquedos invisíveis”, como os jogos de palavras e os contos.

Chico dos Bonecos tomou esse gosto pelas palavras nas brincadeiras com sua avó. Da palavra vieram os poemas e a prosa, os bonecos chegaram para dar corpo aos textos, em seguida vieram os brinquedos, as brincadeiras, e tudo isso se envolveu com educação. Chico diz que o coração do brincar é a investigação, a exploração, sendo o mesmo coração da construção do conhecimento e também a essência da educação.

Livro em destaque: Convite à leitura

Por André Gravatá³



Chico dos Bonecos, escritor e contador de histórias nascido em Belo Horizonte, é um mestre na sensibilidade da escuta. Seu livro mais recente se chama *Seis meses depois....* É fabuloso, com ilustrações da artista Taisa Borges. É muito sapituca a arte do Chico: dá para sentir que ele realmente mantém os ouvidos abertos para escutar o que as crianças dizem e até incorpora isso no livro.

E outra coisa: sinto que ele, como poeta que é, nos lembra da força da sonoridade das palavras com um estilo muito próprio. O Chico sustenta mundos inteiros com a voz e a imaginação. Perto dele, nosso corpo se lembra que uma das raízes da literatura é a brincadeira.

3 André Gravatá é escritor e educador, autor do livro de contos *Sublime* e coautor de *Volta ao mundo em 13 escolas* e *Mistérios da educação*. Participou da programação da 22ª Flip e do projeto Sementeira de Leitura: a mediação na prática docente junto ao Educativo Flip.

Bibliografia

Livros publicados por Chico dos Bonecos

Seis meses depois...

São Paulo: Peirópolis, 2024

Muitas coisas, poucas palavras.

São Paulo: Peirópolis, 2023

A Secretescrita e o Desafio Decifradorico.

São Paulo: Peirópolis, 2014

O céu, a terra e a vírgula.

São Paulo: Peirópolis, 2013

Desvendério. São Paulo:

Peirópolis, 2010

Muitos dedos: enredos.

São Paulo: Peirópolis, 2005

A biblioteca dos bichos.

São Paulo: Formato, 1995

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor,

Esta história é uma recriação do conto tradicional "O Cágado e a Fruta". Você conhece outras narrativas com tartarugas, jabutis, cágados? Lembra da fábula A Festa no Céu? Tartarugas e jabutis fazem parte do imaginário literário, portanto, pode ser interessante pesquisar como são esses personagens. Que tal criar uma galeria de quelônios, cada qual com suas características de acordo com as histórias?

Como poderá ver, no final do livro há um QR code para ouvir a leitura da história pelo próprio autor, com acompanhamento musical. Você e as crianças vão adorar ouvir a história na voz do Chico dos Bonecos! Observem as sonoridades das palavras, como a raposa ficou "pensamentosa", a tartaruga

era "merecendenga", os animais moravam na Floresta de Brejaúva e eram "brejauvenses"... quantas palavras engraçadas. Tem até um trava-língua com a palavra jabaquara. É um livro de encantamento e que propicia a participação das crianças durante a leitura.

O que acha de brincar com palavras que rimam? Você pode colocar o desafio de dizerem palavras que rimam e combinam ou palavras que rimam e não combinam. Pode até criar um jogo em que escrevem palavras em cartelas e, ao pegá-las, criam as rimas. Ganha ponto quem conseguir rimar. No final, quem tiver mais pontos vence a brincadeira.

Outro foco muito importante deste livro é a ilustração de Taisa Borges – uma beleza de encher os olhos! A combinação de cores, a composição e a exploração de texturas trazem grande riqueza para a imagem. Que tal propor um desenho de observação no pátio da escola ou na praça? Ou mesmo levar um vaso de flores ou folhas para observarem, desenharem e recriarem? Observe com as crianças a composição e proponha que elas ousem, façam enquadramentos com um só galho de uma árvore, uma parte de uma folha, ou componha com outros elementos que também podem explorar texturas... Essas são sugestões, portanto, invente também sua proposta.

Ótima leitura e exploração do livro com as crianças!



Denilson Baniwa

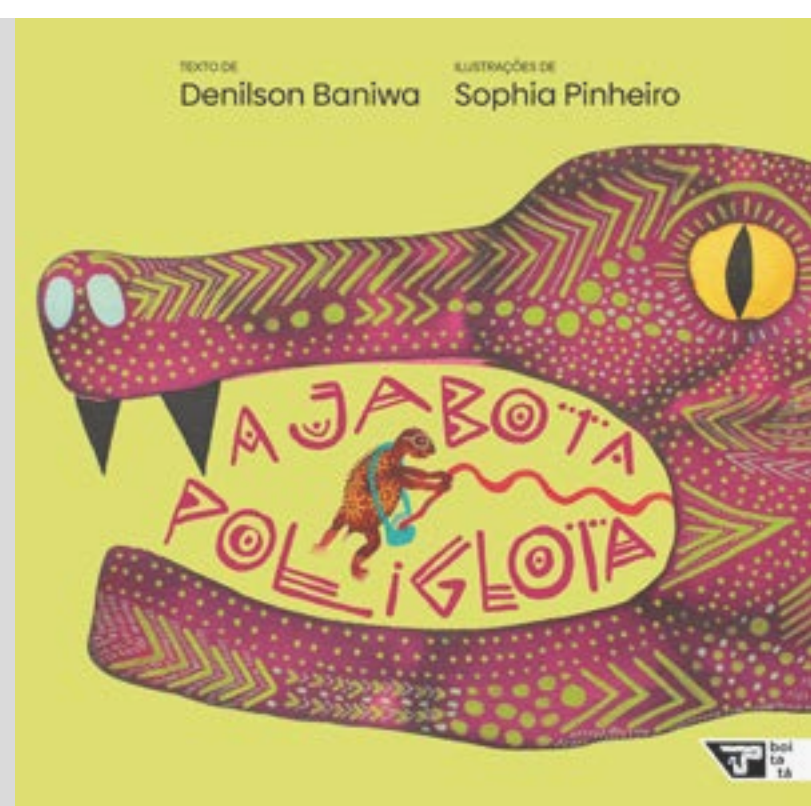
Notas biográficas

Denilson Baniwa é natural de Barcelos, Amazonas. É indígena do povo Baniwa. Artista visual, comunicador e ativista pelos direitos indígenas, atualmente vive em Niterói, Rio de Janeiro, onde fundou com amigos a Rádio Yandê, um importante meio de comunicação indígena. Enquanto artista, preocupa-se com a presença dos povos originários na história do Brasil e busca ampliar o conhecimento da cultura e da presença indígena.

Expôs na Bienal de São Paulo (2023) e foi curador do pavilhão brasileiro na Bienal de Veneza (2024).

Livro em destaque: Convite à leitura

Por André Gravatá⁴



Encontrei de repente esta preciosidade: *A jabota poliglota*, livro escrito pelo Denilson Baniwa, artista indígena do povo Baniwa, nascido no interior do Amazonas, e ilustrado pela artista e educadora popular Sophia Pinheiro. Amei o livro! Ao apontar nossa atenção para a língua da jabota (a fêmea do jabuti), ele está nos instigando a perceber as várias línguas do nosso planeta vivo! Numa entrevista, Denilson disse: "As línguas indígenas no Brasil são pouco divulgadas em comparação com idiomas como inglês, espanhol, português e italiano. Essa invisibilidade afeta não apenas a comunicação, mas também a identidade e o legado de nossos povos". E veja só que forte: ele diz no livro que escreveu a história da jabota no início da pandemia, num período em que voltou para sua comunidade para ficar perto da família. Dá pra sentir nessa história um retorno para casa! E mais: esse livro resgata toda uma tradição de histórias indígenas sobre jabutis.

4 André Gravatá é escritor e educador, autor do livro de contos *Sublime* e coautor de *Volta ao Mundo em 13 Escolas* e *Mistérios da Educação*. Participou da 22ª Flip e do projeto Sementeira de Leitura: a mediação na prática docente.

André Gravatá nos chama atenção para a variedade linguística de nosso planeta. Denilson Baniwa nos diz que nas línguas indígenas há muitos sons de origem da fauna e da flora. Agora, neste livro podemos conhecer a língua indígena Nheengatu usada por vários povos indígenas brasileiros. A história toda está escrita nesta língua, como também as apresentações do livro e dos autores. Esse é mesmo um livro poliglota.

Bibliografia

Livros publicados por Denilson Baniwa

A jabota poliglota.

São Paulo: Boitatá, 2024.

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor! Você já conhecia o autor Denilson Baniwa? Ele é também artista plástico.

Em sua história, Denilson traz humor ao relatar a esperteza do jabuti, que se comunica nas diversas línguas dos animais. Você sabia que, segundo dados do livro *A jabota poliglota*, há cerca de 160 línguas indígenas faladas no Brasil atualmente?

No município de São Gabriel da Cachoeira (AM) houve uma conquista, pois oficializaram o uso e o ensino de três línguas indígenas ao lado do português. São elas o Nheengatu, o Tucano e o Baniwa. Esse município tem divisa com Venezuela e Colômbia e 90% de sua

população é indígena, abrigando 23 etnias, com aproximadamente 20 línguas. É um município onde quem não fala as línguas indígenas e fica em silêncio para escutar o que falam ao seu redor sente-se como se estivesse em outro país, um estrangeiro em nosso próprio país! São muitos sons desconhecidos para quem desconhece as línguas indígenas – uma riqueza.

Será que entre seus estudantes há alguém que fala uma língua indígena? Em Paraty, temos algumas etnias, quais são elas? Quais são as línguas faladas pelos indígenas de Paraty? Que tal pesquisar com os estudantes?

Além da narrativa, esse livro traz uma linda imagem, que possibilita apreciação e também criações inspiradas na arte da ilustradora Sophia Pinheiro. Que tal explorar com as crianças o grafismo e a técnica usada pela artista, usando pigmentos naturais? Tem imagens que parecem pintadas com uma tinta aguada, tipo aquarela. Você pode experimentar também.

Para a artista e ilustradora Květa Pacovska,⁵ "um livro ilustrado é a primeira galeria de arte que uma criança visita." Este livro parece mesmo um museu, pois cada página é uma obra de arte.

5 Květa Pakovska, ilustradora Tcheca. Folha Uol 10/02/2010.

Outra ideia para explorar é a dica de André Gravatá ao apresentá-lo: que tal ler com as crianças várias histórias de jabuti? Na 23ª Flip estará presente o autor Chico dos Bonecos com seu livro *Seis meses depois...*, em que a personagem principal é uma tartaruga. Vale a pena conhecer.

Na conversa com professora e professor fazemos sugestões, porém só você saberá o que é melhor propor para o seu grupo, pois conhece seu contexto. Então, crie o que for mais adequado.

Ótima leitura e exploração do livro com as crianças!



Heloisa Pires Lima

Notas biográficas

Por Waldete Tristão⁶

Heloisa Pires Lima nasceu em Porto Alegre e aos nove anos mudou-se para São Paulo, onde cresceu. Determinada, tornou-se doutora em Antropologia pela USP. Autora de livros para crianças desde 1995, destaca as origens continentais africanas em suas obras, oferecendo uma rica perspectiva cultural para os pequenos leitores. Após constatar a ausência ou inadequação de personagens negros no universo da literatura, começou a pesquisar acerca desses personagens e, mais tarde, passou à criação.

⁶ Waldete Tristão é escritora, roteirista da série *Anaya*, e professora-doutora. Milita em movimentos pela infância, pelas relações raciais e antirracismo. É integrante do coletivo de mulheres Ilú Oba de Min. Participou da programação da 19ª Flip, em 2021.

Livro em destaque: Convite à leitura

Por Waldete Tristão



Este livro é sobre o encontro de Aliã Wamiri Guajajara e Heloisa Pires Lima, que trouxeram as palavras vivas e vividas por duas meninas, uma da aldeia e outra do quilombo. O livro é um território e as imagens materializam a poética de Fernanda Rodrigues, dando corpo aos textos, às palavras, inventando formas. Que tal buscar inspiração nas técnicas utilizadas pela ilustradora e construir um grande mosaico, mural ou painel com as palavras?

Bibliografia

Livros publicados por Heloisa Pires Lima

Livro tem língua?

São Paulo: Passarinho, 2024

O rei que assobiava.

São Paulo: Passarinho, 2023

O catavento.

São Paulo: Passarinho, 2023

A semente que veio da África.

São Paulo: Salamandra, 2005

Histórias da Preta.

São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1988

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor,

A ideia lançada por Waldete de buscar inspiração nas técnicas utilizadas pela ilustradora e construir um grande mosaico, mural ou painel com as palavras em destaque no livro é muito interessante. Você pode aproveitar e pesquisar mais palavras de origem indígena e africana. Assim, todos na turma poderão ampliar o conhecimento sobre a variedade de línguas indígenas e do continente africano.

Esta diversidade linguística faz parte da constituição da identidade da nossa língua portuguesa brasileira e da nossa cultura. É possível observar essa amplitude de acordo com as regiões do Brasil. Quais são as influências aqui em Paraty? Quais palavras destacariam?

Em uma entrevista com Aurélio Buarque de Holanda, criador do Dicionário Aurélio, ele diz que nossa língua tem caprichos e cita a palavra "murucututu", com cinco sílabas seguidas, todas terminadas em U. Esta é uma palavra de origem tupi para uma pequena coruja. E você, já pensou na palavra "Jabaquara", que tem quatro sílabas terminadas em A? Qual seria sua origem?

Ótima leitura e exploração do livro com as crianças!



Inaldete Pinheiro de Andrade

Notas biográficas

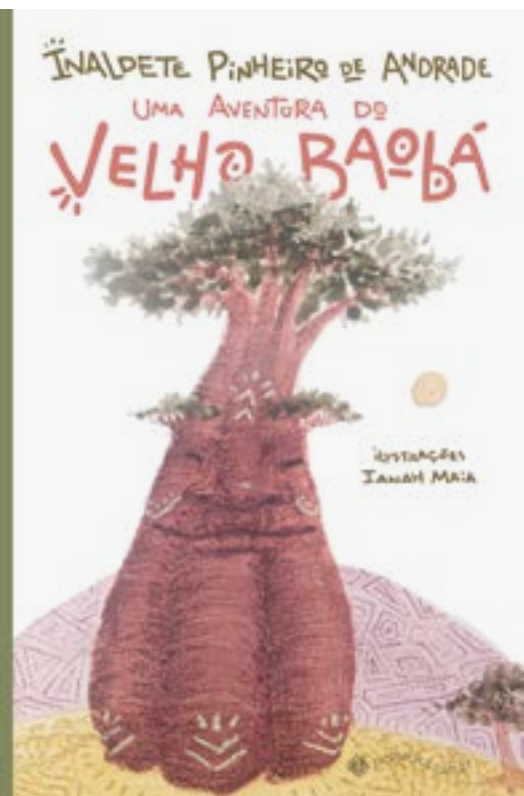
Inaldete Pinheiro de Andrade é escritora, contadora de histórias e pesquisadora de maracatu. Graduada em Enfermagem e mestre em Serviço Social, é uma das fundadoras do Movimento Negro do Recife e presença ativa no Movimento Feminista desde 1979. Suas ações em prol do fortalecimento da cultura afro-brasileira são significativas e incluem intervenções no campo educacional, através de programas de capacitação realizados em escolas do Recife e de outros municípios do Estado de Pernambuco.

No site da Companhia das Letras, descobrimos como se deu a relação de Inaldete com a leitura e a escrita. "Desde estudante eu escrevia. Sempre me distinguia com a minha redação. Eu gostava muito, tanto quanto gostava de ler; uma coisa alimentava a outra. Quando cheguei no Movimento Negro, optei pela pauta da saúde, porque sou enfermeira, e da educação,

que sempre me tocou muito de perto, e isso me estimulou a escrever com esse recorte para a criança. Decidi fazer uma literatura para que as crianças se alegrem, para que conheçam a sua história, para que não esperem chegar ao fim da Universidade para conhecê-la. Foi assim que eu comecei", conta dona Inaldete.⁷

Livro em destaque: Convite à leitura

Por André Gravatá⁸



Amo o livro *Uma aventura do velho Baobá*, escrito pela mestra Inaldete Pinheiro de Andrade, que é também uma das fundadoras do Movimento Negro do Recife e pesquisadora de maracatu, e ilustrado pela artista e técnica em agroecologia Ianah Maia. Acompanhar a jornada do corajoso baobá que atravessa o oceano Atlântico para encontrar seus parentes é emocionante, inesquecível! E ouvir a Inaldete

7 https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/6218/inaldete-pinheiro-de-andrade-e-as-historias-dos-baobas?srsId=AfmB0op_yGNZKJ0L004hqz_fyWwHmYtgXoeQrvGMmS6ZJIhmvwjxdpJ3

8 André Gravatá é escritor e educador, autor do livro de contos *Sublime* e coautor de *Volta ao mundo em 13 escolas* e *Mistérios da educação*. Participou da programação da 22ª Flip e do projeto Sementeira de Leitura: a mediação na prática docente.

é um presente! Tem um vídeo em que ela fala de outros livros que nasceram das suas mãos, como *A menina capoeira*, escrito para "combater o machismo que diz que menina não dança capoeira".

Ela conta que faz diários de viagem, sempre anda com papel e caneta. Relembra que a neta já ganhou esses mesmos diários. Achei tão imenso este gesto: uma avó que entrega para a neta um diário escrito à mão. Isso é poesia viva, planeta vivíssimo!

Como diz André Gravatá, a jornada do corajoso baobá é mesmo emocionante, pois seus encontros remetem à experiência dos africanos e afrodescendentes aqui no Brasil. A ilustração de Ianah Maia realça o texto e o final da narrativa nos deixa a imaginar o que sucedeu.

Kiusam de Oliveira, em seu posfácio, nos leva a reler a história, a saboreá-la nos ajudando a olhar para esse deslocamento de tempo-espaco dentro de uma cosmovisão africana. É preciso mergulhar com o baobá e deixar-se levar pela história.

Bibliografia

Livros publicados por Inaldete Pinheiro de Andrade

Uma aventura do velho Baobá.

São Paulo: Editora Pequena Zahar, 2022

Coleção velhas histórias, novas leituras.

Recife: Edição do autor, 2010

Baobás de Ipojuca. Recife:

Bagaço, 2008

A calunga e o maracatu.

Recife, 2007

Cinco cantigas para você contar.

Olinda: Produção Alternativa, 1989

Pai Adão era nagô.

Olinda: Produção Alternativa, 1989

Não ficção

Racismo e antirracismo na literatura infanto-juvenil.

Recife: Etnia Produção Editorial, 2001

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor,

Você já conhecia a escritora Inaldete Pinheiro de Andrade? Já tinha ouvido falar da árvore baobá?

Com essa narrativa, Inaldete nos presenteia ao trazer para o centro da literatura o continente africano e a cultura afrobrasileira, em uma história que mais parece uma fábula que apresenta toda a movimentação humana entre os dois continentes e as questões vividas pelas pessoas negras no Brasil. O baobá representa um símbolo de resistência, ancestralidade e poder.

Que tal, depois de ler a história para seus estudantes, apresentar imagens de baobás, essa árvore sagrada?

Quais outros livros de autoras ou autores negros você já leu para as crianças? Que tal fazer um levantamento para que se possa quebrar com a hegemonia da literatura escrita por pessoas brancas, trazendo escritoras/es e ilustradoras/es negros e indígenas?

Há alguns pontos que você também pode observar nos livros que está apresentando às crianças: como é apresentada a cultura africana e afrodescendente? Há valorização ou traz preconceito e racismo? Além da autoria negra, há personagens negros? O personagem principal é negro? A representação é estereotipada ou valoriza estes personagens? Estes são alguns pontos que você poderá usar para avaliar os livros que escolhe para ler, para levar valores que respeitem a diversidade humana, recusem o incorreto, o estereotipado, o preconceituoso e racista.

Cada vez mais sabemos da importância da literatura na formação do imaginário individual e coletivo, portanto, é fundamental que tenhamos consciência na escolha dos livros que compartilhamos com nossos estudantes, para que possamos contribuir na construção de uma humanidade mais respeitosa e justa.

Ótima leitura e exploração do livro com as crianças!



Liça Pataxoop

Notas biográficas

Dona Liça Pataxoop mora na aldeia indígena Muã Mimatxi, pertencente ao povo Pataxoop, no município de Itapecerica, Minas Gerais. Casada, tem seis filhos e oito netos. É liderança feminina e professora de Uso do Território. Seu estudo e aprendizado foi com a terra, a terra foi sua escola, com ela aprendeu os valores de vida. Não tem formação escolar, porém o seu ensino é pela oralidade e sua escrita parte de imagens do têhêy. Originariamente, o têhêy é um instrumento usado por mulheres na pescaria, mas por ela é utilizado na "pescaria de conhecimento", na escola de sua aldeia. Dona Liça tem como valor seus costumes e conhecimentos tradicionais, que são passados às crianças e membros de sua comunidade.

Ela é filha da Terra, irmã da natureza, teve seus aprendizados vindos desta irmandade com o ambiente. Gosta de mexer com a terra, seu ensino é pelos valores de vida, seus professores

foram as matas, os rios, as lagoas, os manguezais, o mar e hoje, ensina através desse conhecimento tradicional.

Liça Pataxoop tem dois livros publicados: *Com a terra construimos a nossa história* e *têhêy de pescaria de conhecimento*. Dona Liça participa de reuniões de educação e saúde, e está à frente na luta por sua aldeia.

Quem é Liça Pataxoop?

Liça Pataxoop por Julia Medeiros⁹

Pronuncia-se assim: pa-ta-tchu-(p), com o P engolido. Foi Dona Liça que nos ensinou. Assim como têhêy, que se diz tê-rrei, sem engolir nada, ou melhor, engolindo os peixes. É que o têhêy é o instrumento que o povo indígena Pataxoop usa para pescar, e, por isso, Dona Liça deu seu nome aos desenhos que faz para que as crianças pesquem neles a cultura de sua aldeia, a Muã Mimatxi, em Itapecerica (MG).

Dona Liça é uma grande artista, educadora e liderança indígena, que tem suas obras expostas em museus importantes, chegando até a estampar uma parede de 1.928 metros quadrados em um prédio no centro de Belo Horizonte. Mas os têhêys são também a sua escrita, como ela mesma diz. Neles, as crianças da aldeia leem — ou pescam — as histórias,

9 Júlia Medeiros é autora dos livros *Zalém e Calunga*, *Temporina* e *A avó amarela*. Participou da programação da 22ª Flip, na mesa Saudando as Mais Velhas.

saberes, seres-gente, seres-rio, seres-vento, seres-bicho, seres-árvore, seres encantados que nem se vê ou só se vê em sonho, caminhos, perigos, ancestralidade e futuro. Para Dona Liça, a cultura Pataxoop é alimento, como os peixes. Vamos pescar com ela?

Têhêys em destaque: Convite à leitura



Com os têhêys, dona Liça traz a história, a cultura de seu povo e escreve em imagem os conhecimentos que quer ensinar para as crianças. Neste *Têhêys Yãmixoop: o grande tempo das águas*, ela nos conta sobre o tempo da chegada das águas, quando alguns pássaros passam voando pelo céu da aldeia trazendo a fartura das águas através da chuva, dos raios e dos trovões.

Aqui vemos pássaros, insetos, abelhas, cigarras, borboletas, marimbondos, cupins, tanajuras, tudo ligado a esse tempo, quando saem voando pela aldeia. Porém, dona Liça diz que há pássaros dos quais só conseguimos escutar o canto, mas que também estão ligados à leitura deste tempo. A chegada do tempo das águas, o aguaceiro que esses passarinhos marcam e trazem, é a chegada do tempo da fartura,

do nascimento das sementes, do crescimento das plantas e do fortalecimento dos rios, das cachoeiras, dos brejos, das lagoas, do mar.

Nessa cultura, a humanidade é parente dos animais, das plantas, das montanhas, das chuvas, dos rios, filha da terra. É essa cosmovisão que dona Liça compartilha com seus estudantes da aldeia indígena Muã Mimatxi, onde é professora e também nos apresenta com o *Têhêy Yãmixoop: o grande tempo das águas*, para que desta maneira possa conter as ações de Kayãyun, o grande devorador das florestas e do mundo.

Obrigada, dona Liça, por nos ensinar tanto com os seus têhêys que pescam conhecimentos e preservam a cultura ancestral em uma escrita imagética.

Bibliografia

Para conhecer um pouco mais sobre dona Liça Pataxoop

<https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=rm&ogbl#inbox?projector=1>

Têhêys de Liça Pataxoop/ *Yãmixoop: o grande tempo das águas*
<https://www.youtube.com/watch?v=UWbfprmnxEs&list=PLpwj6iexDp6o9kPFX0clxv7Js40oxB7R-&index=7>

Ep. 07 - *têhêy e as narrativas de origem Pataxoop* | Leia Autoras Indígenas

Da Websérie Leia Autoras Indígenas, uma parceria Leia mulheres indígenas e Sesc Ipiranga

Angthichay, Jassanã, Manguahã, Knátyo. O povo Pataxó e suas histórias. São Paulo: Global, 2002

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor! Você já conhecia dona Liça Pataxoop e seus têhêys?

Aqui no manual há dois links nos quais podemos escutar a dona Liça contar sobre os têhêys. Se puder, ouça com seus estudantes, escutem suas histórias, aprendam com ela a cosmovisão indígena, a forma como ela lê e se vê parte da natureza. Esse é um ponto importante para conversarem.

Outro ponto a se destacar pode ser relacionado à criação da imagem. Que tal propor aos estudantes que criem imagens contando histórias de Paraty, das vivências deles, dos familiares, contar as histórias por imagens? Cada um pode escolher o que contar e depois apresentar o desenho, narrando sua história oralmente.

É um pouco diferente da ideia do têhêy da dona Liça, pois, neles, ela compartilha com as crianças os conhecimentos ancestrais – e aqui elas narrarão as histórias pessoais. O interessante é que percebam como a linguagem imagética pode ser um canal de comunicação. Também é possível criar outras propostas inspiradas nos têhêys de dona Liça.

Para contextualizar um pouco sobre o povo Pataxoop, trouxemos aqui alguns dados. Esse povo também é conhecido por Pataxó – ser originário do extremo sul da Bahia. Porém, em

1951 houve um grande massacre dos indígenas da região, conhecido como "fogo de 51", em que as polícias de Prado e Porto Seguro invadiram a aldeia. Nessa época muitos indígenas foram em direção a Minas Gerais, estabelecendo-se ali. O povo Pataxóop foi o primeiro a ter contato com os portugueses no litoral do sul da Bahia.

Bom trabalho!



Luiz E. Anelli

Luiz E. Anelli com cópia da cabeça de um fóssil de dinossauro

Notas biográficas

Luiz E. Anelli é biólogo, paleontólogo, escritor e professor do Instituto de Geociências da USP. Organizou diversas exposições, como Dinos na Oca, no Parque do Ibirapuera (São Paulo) e A Evolução dos Dinossauros, no Sabina Escola Parque do Conhecimento (Santo André), onde montou o único esqueleto de *Tyrannosaurus rex* em exposição permanente na América do Sul.

Há 30 anos ocupa boa parte do seu tempo dando aulas e escrevendo livros sobre os dinossauros e a pré-história brasileira, divulgando os conhecimentos científicos da nossa paleontologia.

O paleontólogo afirma que os dinossauros e pterossauros são muitas vezes apresentados como seres sanguinários e violentos, porém, em seus livros ele os trata de forma científica, como animais complexos, mas busca uma linguagem acessível que nos aproxime desse universo.

Anelli tem dois prêmios Jabuti em sua carreira como escritor: o primeiro, em 2018, com o livro *O Brasil dos dinossauros*, em parceria com o paleoartista Rodolfo Nogueira, sobre a vida dos dinossauros brasileiros, da editora Marte e o segundo, em 2024, com o livro *ABCDarqueologia*, em parceria com Celina Bosenmüller e ilustrações de Graziella Mattar, da editora Peirópolis, em que o prêmio foi na categoria ilustração.

Livro em destaque: Convite à leitura

Por Nina Rizzi¹⁰



O livro *Pterossauros do Brasil*, escrito por Luiz Anelli, não apenas encanta as crianças de todas as idades e interessadas por paleontologia, como também serve como ferramenta educativa poderosa para despertar o interesse das crianças e adolescentes pelo mundo científico.

Os dinossauros sempre foram um tema fascinante para crianças desde a educação infantil, e os pterossauros, embora frequentemente confundidos com dinossauros, apresentam um universo de descobertas que merece ser explorado. Anelli nos convida a entender esses répteis alados que habitaram nosso planeta por milhões de anos, incluindo diversas regiões do Brasil. Ao longo da leitura, somos apresentados a informações que desafiam equívocos comuns, como a falsa ideia de que os pterossauros eram, na verdade, dinossauros voadores.

10 Nina Rizzi é historiadora, educadora, poeta, professora, tradutora e autora do livro *A melhor mãe do mundo*, participou da programação da 21ª Flip, na roda sobre Maternidades.

O livro aborda de maneira acessível a anatomia, a alimentação, o habitat e os mistérios da extinção desses seres incríveis. Através de curiosas descobertas da paleontologia, Anelli explora não apenas os aspectos biológicos, mas também o papel fundamental dos fósseis na nossa compreensão sobre a vida pré-histórica. Além disso, a obra propõe reflexões sobre mudanças climáticas e extinções, conectando-se a questões contemporâneas que nos fazem refletir sobre nosso próprio modo de vida e o futuro do nosso planeta.

Escolhi *Pterossauros do Brasil* porque acredito que ele pode funcionar como uma ponte entre o fascínio infantil e o pensamento científico, promovendo discussões importantes sobre a história da Terra e as transformações que ocorreram ao longo de milhões de anos. Este livro é uma excelente ferramenta para estimular a curiosidade e a imaginação das crianças, permitindo que explorem não apenas o passado, mas também os desafios que enfrentamos hoje.

Bibliografia

Livros publicados por Luiz E. Anelli

Pterossauros do Brasil.

São Paulo: Peirópolis, 2024

ABCDarqueologia.

São Paulo: Peirópolis, 2023

Novo guia completo dos dinossauros do Brasil.

São Paulo: Peirópolis, 2022

Novos dinos do Brasil.

São Paulo: Peirópolis, 2020

ABCDEspaço.

São Paulo: Peirópolis, 2018

ABCDinos.

São Paulo: Peirópolis, 2017

Dinossauros e outros monstros: uma viagem à pré-história do Brasil.

São Paulo: Peirópolis, 2015

Dinos do Brasil.

São Paulo: Peirópolis, 2010

Para conhecer um pouco mais sobre Luiz E. Anelli

<https://www.editorapeiropolis.com.br/entrevista-com-luiz-anelli/>

Entrevista com o autor Luiz E. Anelli

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor! Você já trabalhou o tema da paleontologia com seus estudantes?

O livro *Pterossauros do Brasil*, de Luiz E. Anelli e Julio Lacerda Cavalcanti, da editora Peirópolis, fará sucesso entre eles por trazer informações científicas que podem questionar os falsos conhecimentos científicos, como, por exemplo, que os pterossauros são dinossauros. Talvez seja interessante fazer um levantamento do que sabem sobre os pterossauros e o que mais gostariam de saber.

Uma forma muito boa de trabalhar com conhecimentos científicos é propor um propósito comunicativo, ou seja, pesquisar para apresentar para outra turma ou para divulgar os conhecimentos científicos em um mural da escola ou, ainda, criar uma publicação que poderá ser doada para outra turma, ficar na biblioteca, ou mesmo ser compartilhada com os familiares. Fazendo, desta forma, com que outras pessoas conheçam os pterossauros.

Ter um propósito comunicativo faz com que os estudantes se envolvam mais, pois sabem que suas produções serão vistas por mais pessoas e não ficarão guardadas no caderno. É ter um propósito social real para o estudo.

Neste livro, o ilustrador Julio Lacerda traz as imagens dos pterossauros com riqueza, colocando-os em uma paisagem, dando a sensação de que a cena foi fotografada, como se alguém tivesse capturado o instante do voo. É impressionante, nos leva a pensar como fotografaram os pterossauros se não existia humano naquela época, muito menos câmera fotográfica? O realismo das imagens de pterossauros em cenas corriqueiras é incrível. Julio Lacerda Cavalcanti é mesmo um grande artista da paleoarte.

Um jeito interessante de explorar as imagens é criar na areia ou na terra um ambiente, colocando galhos para dar a sensação de floresta, fazendo montanhas, rios, lagos e "habitando-o" com pterossauros e dinossauros de plástico. Depois, poderá fotografar, aproximando bem a câmera e enquadrando na altura da instalação artística, dando a impressão de que a cena é real. Experimente com as crianças! Elas vão se encantar.

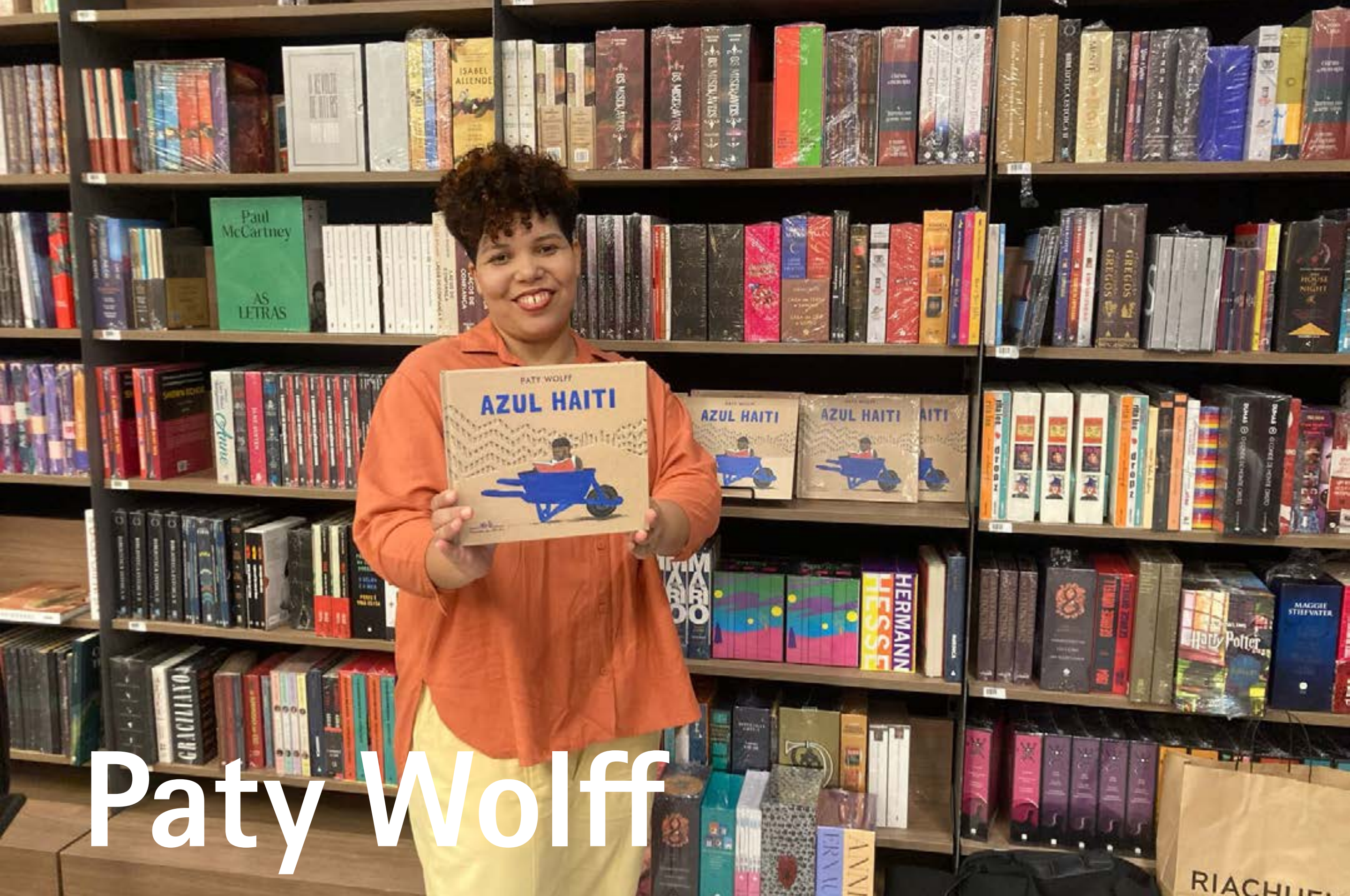
Outra possibilidade interessante é assistir ou ler a entrevista com Anelli. Pode ser um bom começo para esse estudo. No link a seguir, você encontra uma pequena entrevista.

<https://www.editorapeiropolis.com.br/entrevista-com-luiz-anelli/>

Você também poderá incentivar os estudantes a pesquisarem sobre paleontologia ao contar a eles que na 23ª Flip, de 2025, receberemos o paleontólogo e professor doutor Luiz E. Anelli, um pesquisador e divulgador científico. Converse com eles sobre o que é ser um paleontólogo, aproximando os estudantes deste universo.

Uma curiosidade que vale a pena contar é que Anelli esteve em Paraty em abril de 2024 e conversou com professores e estudantes, pelo projeto "Sementeira de Leitura: a mediação na prática docente", uma parceria do Educativo Flip e secretaria de Educação Municipal. Quem sabe alguns professores e estudantes se lembram dessa conversa?

Ótima leitura e exploração do livro com os estudantes!



Paty Wolff

Notas biográficas

Por Waldete Tristão¹¹

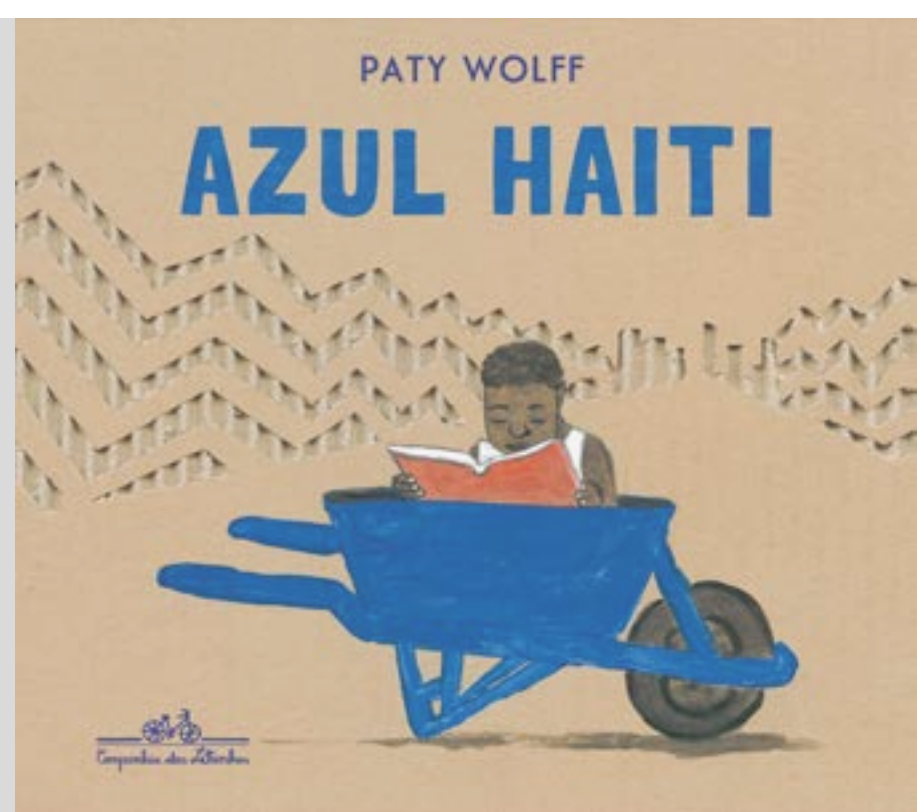
Sobre a artista das palavras e das ilustrações:

Paty Wolff nasceu em Cacoal, Rondônia, e é uma multiartista: ilustradora, ceramista, atriz, escritora e geógrafa. Formada em geografia pela Universidade Federal do Mato Grosso, onde também concluiu o mestrado. Wolff ganhou destaque nacional ao ser indicada ao Prêmio Jabuti 2022 na categoria Conto com seu livro de estreia, *Como pássaros no céu de Aruanda* (Editora Entrelinhas). Como artista visual, participou de diversos eventos e exposições coletivas ao longo de sua carreira, sendo reconhecida também pelo uso criativo do papelão em suas ilustrações e recortes/colagens.

¹¹ Waldete Tristão é escritora, roteirista da série *Anaya*, e professora-doutora. Milita em movimentos pela infância, pelas relações raciais e antirracismo. É integrante do coletivo de mulheres Ilú Oba de Min. Participou da programação da 19ª Flip, em 2021.

Livro em destaque: Convite à leitura

Por Waldete Tristão



O livro Azul Haiti é uma história sobre a imigração haitiana contada a partir das memórias de uma mãe sob o olhar esperançoso de uma criança.

"Depois do terremoto veio a enchente que levou roupas, sapatos, álbuns de fotografia da família e a saúde dos meus avós."

O livro é um mar de histórias, diz Otavio Junior. Depois que a história foi lida, dá para lembrar alguma delas?

Como diz Waldete Tristão, é o olhar de uma criança esperançosa, que se demora no abraço para espantar a tristeza da mãe, que revela os desafios encontrados tanto no Haiti quanto em sua vida no Brasil. Paty Wolff traz uma narrativa cheia de poesia, como nuvem de saudade, compara o tremor do soluço da mãe com o terremoto.

A autora traz um texto apurado que combina com uma sofisticada ilustração. Usa o papelão como fundo, e há momentos em que

tira camadas, criando texturas que nos dão a sensação tridimensional. Na capa há uma rugosidade. Além dessa exploração do papel, a pintura é muito expressiva: o tom azul haiti está em todas as páginas. A ilustração ocupa páginas duplas, fazendo-nos sentir as sensações do texto.

Bibliografia

Livros publicados por Paty Wolff

Como pássaros no céu de Aruanda.

Cuiabá: Editora Entrelinhas, 2021

Conversa com professora e professor

Olá, professora e professor,

"Que tal buscar inspiração nas técnicas utilizadas pela autora e construir um grande mosaico, mural ou painel com as histórias das famílias das crianças?" Waldete Tristão

Esta é uma excelente ideia proposta por Waldete Tristão: a partir da conversa sobre o livro, cada estudante poderá compartilhar uma história de sua vida. Isto vai acontecer durante algumas rodas de conversa. Em seguida, cada um registra sua história de forma escrita e também por desenho. Será preciso cuidar da revisão para expor os textos e imagens no mural.

Esta é uma ideia, você poderá ter outras mais adequadas para sua turma. O que propomos aqui é sempre sugestão.

Ótima leitura e exploração do livro com os estudantes!



Roseana Murray

Roseana Murray escreveu mais de cem livros, em seu site você poderá baixar muitos e-books e se divertir com seus poemas e textos.

Notas biográficas

Roseana Murray se tornou leitora muito cedo. Com seis anos já estava alfabetizada e com sete já lia com fluência. Os livros eram sua verdadeira casa. Nessa idade também escrevia um diário. Como diz Roseana, foi a poesia que a escolheu.

Já adulta, escrevia textos curtos e seu filho André queria lê-los, então começou a escrever para ele, o que deu origem ao livro *Fardo de carinho*. Roseana inspira-se nos pensamentos das crianças, e, atualmente, testemunha as brincadeiras dos netos.

Roseana é uma escritora e poeta que promove a leitura, pois compartilha seus e-books em seu site (<https://roseanamurray.com/site/>) para que possam baixar gratuitamente, realiza encontros literários em sua casa, clube de leitura, o projeto Café, Pão e Texto, e também tem um canal em que grava poemas. Como se vê, ela cria muitos intercâmbios literários.

Seu desejo é que as escolas tenham livros espalhados em todos os lugares, não só na sala de leitura, mas também em banheiros, refeitórios, corredores, nas salas de aula, colocados em cestas enfeitadas, entre outras ideias que tornariam os lugares atrativos para leitura.

Quem é Roseana Murray?

Roseana Murray por Julia Medeiros¹²

Roseana Murray não acredita em idade, sabia? Talvez seja por isto que ela tenha leitores de idades inacreditáveis, 123 livros publicados, prêmios de perder a conta, 3 cidades – ela nasceu no Rio de Janeiro, morou em Saquarema (RJ) e vive em Visconde de Mauá (RJ) – 2 filhos, 2 netos e 1 braço mágico. Acredita? Que Roseana é poeta, você sabe. Poetona mesmo, dessas melhores do mundo. É uma contista incrível também. O primeiro livro que ela escreveu se chama *Fardo de carinho*, há

12 Júlia Medeiros é autora dos livros *Zalém e Calunga*, *Temporina* e *A avó amarela*, participou da programação da 22ª Flip, na mesa Saudando as Mais Velhas.

exatos 45 anos, e o último se chama *O braço mágico*. Será que é para conseguir carregar um carinho maior ainda? A gente quer te convidar para ouvi-la contar esta história e um monte de outras, porque acredito que a literatura da Roseana é um abraço. Mágico!

Livro em destaque: Convite à leitura



A ideia do livro *O braço mágico* foi se construindo na cabeça de Roseana durante sua permanência no hospital após sofrer o ataque de três pitbulls ao caminhar pelas ruas de Saquarema. Ela estava com dificuldade em encontrar um tom para a narrativa. Achava que ela parecia triste, um pouco dura. Então, seu filho André propôs que trouxesse os netos para a história. Dessa maneira, ela chegou ao tom esperado, mas o livro ficou ainda mais afinado ao ganhar um clima onírico com a ilustração em aquarela de Fernando Zenshō.

Esta é a história de uma avó que tem um braço mágico que vive com seus netos aventuras no céu, na terra e no mar. É permeada pelo afeto e pela cumplicidade, com direito a passeios de balão, tapete mágico, encontros com fadas e magos.

Roseana disse que a escrita de *O braço mágico* a ajudou a elaborar a dor do acidente sofrido. E que foi necessário superar o trauma para não ficar preso nele.

Contou, também, que ganhou de Mariana Massarani uma imagem de uma sereia sem um braço e que isso a ajudou a elaborar sua perda. Juntas, criaram o e-book *Babel e a sereia*, em que a personagem perde o braço enroscado na rede de pesca, que continha vários objetos poluidores que a perfuraram.

Este e-book está disponível no site de Roseana <https://roseanamurray.com/site/>.

<https://roseanamurray.com/site/2024/07/16/ebook-babel-e-a-sereia-roseana-murray-e-mariana-massarani/>

Embora com todo esse desafio que a vida lhe impôs, Roseana diz que já consegue fazer 90% das coisas com um braço só.

Bibliografia

Livros publicados por Roseana Murray

O braço mágico.

Itapira: Estrela. 2025

Emaranhado.

Jandira, SP: Principis, 2023

Perfumes.

São Paulo: FTD, 2020

Vira virou.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022

Diário de uma montanha.

Rio de Janeiro: Manati, 2012

Roseana Murray, Poemas para ler na escola.

São Paulo: Objetiva, 2011

Poesia Essencial.

Rio de Janeiro: Manati, 2010

O xale azul da sereia.

São Paulo Larousse, 2009

Jardins.

Rio de Janeiro: Manati, 2001

<https://roseanamurray.com/site/>

Em seu site poderá encontrar biografia, bibliografia, poemas, mídias, e-books, blog e contato.

Conversa com professora e professor

Que tal, além de ler o livro *O braço mágico* e conversar sobre ele, compartilhar com seus estudantes o livro *Emaranhado*, de Roseana Murray? São quarenta e um poemas, talvez o poema "Manual" dialogue com o livro *O braço mágico*, pois traz maneiras de afastar a tristeza, embora este livro tenha sido lançado em 2023, antes do acidente.

Outro poema que encanta chama-se "A bailarina". A imagem de que tudo dança no universo pode ser um bom jeito de conversar sobre poesia. Escolha com as crianças quais seus poemas preferidos deste livro.

Junto com sua turma, você pode pesquisar na internet os ebooks e poemas no site de Roseana. Que tal selecionar os poemas preferidos, ilustrar e depois expor em um mural de acesso a outras turmas? Assim, apresentarão os poemas

de Roseana a mais pessoas. Também podem fazer um sarau e convidar outra turma para participar.

Outra proposta que os estudantes poderão gostar é, a partir de inspirações nos poemas dela, cada um criar o seu.

Você também poderá se inspirar e criar outras propostas que dialoguem com a produção de Roseana Murray.

Excelentes inspirações!

Anexo Jogo Sarau

Cara professora, caro professor,

Criamos esse jogo para que você possa brincar com seus estudantes como em um sarau, em que se recita poemas, canta, lança desafios; uma brincadeira com textos que vai construindo o repertório da turma.

A seguir, trazemos um conjunto de cartas que poderá ser ampliado por você, com novas palavras para as rimas e outras adivinhas.

Não colocamos cartas com os poemas, trava-línguas, quadrinhas, estrofes de música e parlendas, pois entendemos que os estudantes já conhecem vários e os conhecem de memória, por já terem sido explorados por você e pelos/as professores/as dos anos anteriores.

Este é um jogo que achamos interessante para as crianças de 5 a 8 anos, pois os desafios se baseiam em textos de fácil memorização. Conforme os estudantes vão se tornando leitores, será interessante que leiam as cartas.

Caso você tenha peões e dados de outros jogos, poderá utilizá-los.

O jogo foi criado para grupos de 6 participantes, porém, você poderá brincar com toda a turma de uma vez, pois poderá ampliar o tabuleiro, reproduzindo-o com giz no chão do pátio da

escola, ou em uma praça. Poderá usar pedras como peões e precisará ter mais cartas com adivinhas, para que os desafios não se repitam. Recomendamos que crie também mais cartas com palavras para as rimas.

Antes de jogar com toda a turma, brinque em pequenos grupos, pois assim estarão mais confortáveis para se expor no coletivo.

Como nos saraus, diga às crianças para soltarem a voz e se comunicarem com a expressão facial e corporal.

Como você sabe, as recriações são sempre bem-vindas!

Desejamos a você e a seus estudantes uma divertida brincadeira de sarau!

Sobre o jogo

Público: crianças de 5 a 8 anos

Número de participantes: 6

Regras do jogo

Para começar o jogo, posicione os peões na casa "início". Joga-se o dado e quem tirar número mais alto será o primeiro a jogar. A partir daí, segue-se o sentido horário de jogadores.

Os peões andam conforme o número do dado.

Ao caírem na casa "Desafio", pegarão a carta de acordo com a cor da casa.

Casa amarela é Adivinha.

Casa vermelha é Rima.

Casa azul é Quadrinha, parlenda, estrofe de música, poema ou trava-língua.

Casa multicolor é de escolha do jogador: poderá pegar o desafio que quiser.

Se cair na casa amarela, o leitor da carta da adivinha será a criança do lado direito, que também confirmará se a resposta está correta.

Ao cair na casa azul, a criança falará uma quadrinha ou parlenda, ou estrofe de música, ou poema ou trava-língua já memorizado de acordo com a instrução da carta.

Em todas as vezes que enfrentar o desafio, deve andar 2 casas para frente, caso acerte, ou voltar uma casa, se errar.

Vence o jogo quem chegar primeiro à Flipinha.

Peças

1 tabuleiro

1 dado

6 peões

20 cartas azuis

20 cartas vermelhas

20 cartas amarelas

Cartas vermelhas

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA COM
AMOR?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA COM
CORAGEM?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM SAPATO?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM ELEFANTE?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM MOCHILA?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM MÃE?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM PRAIA?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM POESIA?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM CHINELO?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM PORTA?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM BARCO?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM MAR?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM CÉU?

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM CADEIRA?

**QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM FORMIGA?**

**QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM AMIGO?**

**QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM RISADA?**

**QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM PEIXE?**

**QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM TRISTEZA?**

**QUAL A PALAVRA
QUE RIMA
COM PARATY?**

Cartas amarelas

**O QUE É, O QUE É?
DE DIA TEM 4 PÉS
E DE NOITE TEM 6.**

RESPOSTA: CAMA

**O QUE É, O QUE É?
QUE VIVE COM AS PERNAS
NAS ORELHAS.**

RESPOSTA: ÓCULOS

**O QUE É, O QUE É?
QUE ANDA NAS CABEÇAS.**

RESPOSTA: PIOLHO

**O QUE É, O QUE É?
QUE PASSA NA POÇA D'ÁGUA
E NÃO SE MOLHA.**

RESPOSTA: SOMBRA

**O QUE É, O QUE É?
CIRCULA O DIA TODO PELA
CASA E A NOITE FICA EM PÉ.**

RESPOSTA: VASSOURA

**O QUE É, O QUE É?
QUE VIRA A CABEÇA DE
TODO MUNDO.**

RESPOSTA: PESCOÇO

**O QUE É, O QUE É?
CAIXINHA DE BOM PARECER,
NÃO HÁ CARPINTEIRO QUE
POSSA FAZER.**

RESPOSTA: CONCHA DO MAR

**O QUE É, O QUE É?
É CHEIO DE BURACO, MAS
SEGURA ÁGUA.**

RESPOSTA: ESPONJA

**O QUE É, O QUE É?
QUANTO MAIS SE TIRA, MAIS
AUMENTA.**

RESPOSTA: BURACO

**O QUE É, O QUE É?
QUE UMA PESSOA FAZ ANTES
DE SE LEVANTAR.**

RESPOSTA: ABRE OS OLHOS

**O QUE É, O QUE É?
SE PEGA PARA COMER,
MAS NUNCA SE COME.**

RESPOSTA: PRATO

**O QUE É, O QUE É?
É FEITO PARA ANDAR,
MAS NÃO ANDA.**

RESPOSTA: RUA

**O QUE É, O QUE É?
TEM CABEÇA E DENTE,
NÃO É BICHO, NEM GENTE.**

RESPOSTA: ALHO

**O QUE É, O QUE É?
DÁ MUITAS VOLTAS
E NÃO SAI DO LUGAR.**

RESPOSTA: RELÓGIO

**O QUE É, O QUE É?
FICA CHEIO DE DIA E DE
NOITE VAZIO.**

RESPOSTA: SAPATO

**O QUE É, O QUE É?
TEM CAUDA, MAS NÃO É CÃO;
NÃO TEM ASAS, MAS SABE
VOAR.**

RESPOSTA: PIPA

**O QUE É, O QUE É?
PASSA NA FRENTE DO SOL
SEM FAZER SOMBRA.**

RESPOSTA: VENTO

**O QUE É, O QUE É?
ANDA COM A BARRIGA PARA
TRÁS.**

RESPOSTA: PERNA

O QUE É, O QUE É?
QUANTO MAIOR, MENOS
SE VÊ.

RESPOSTA: O ESCURO

O QUE É, O QUE É?
TEM NO POMAR E NO SEU
CASACO.

RESPOSTA: MANGA

Cartas azuis

DIGA UMA PARLENDA OU
TRAVA-LÍNGUA

DIGA UMA PARLENDA OU
TRAVA-LÍNGUA

DIGA UMA PARLENDA OU
TRAVA-LÍNGUA

DIGA UMA PARLENDA OU
TRAVA-LÍNGUA

DIGA UMA QUADRINHA OU
ESTROFE DE MÚSICA

DIGA UMA QUADRINHA OU
ESTROFE DE MÚSICA

DIGA UMA QUADRINHA OU
ESTROFE DE MÚSICA

DIGA UMA QUADRINHA OU
ESTROFE DE MÚSICA

DIGA UM TRAVA-LÍNGUA OU
ESTROFE DE MÚSICA

DIGA UM TRAVA-LÍNGUA OU
ESTROFE DE MÚSICA

DIGA UM TRAVA-LÍNGUA OU
ESTROFE DE MÚSICA

DIGA UM TRAVA-LÍNGUA OU
ESTROFE DE MÚSICA

DIGA UM POEMA
OU PARLENDA

DIGA UM POEMA
OU PARLENDA

DIGA UM POEMA
OU PARLENDA

DIGA UM POEMA
OU PARLENDA

DIGA UM POEMA
OU TRAVA-LÍNGUA

DIGA UM POEMA
OU TRAVA-LÍNGUA

DIGA UM POEMA
OU TRAVA-LÍNGUA

DIGA UM POEMA
OU TRAVA-LÍNGUA

Tabuleiro

QUAL A PALAVRA
QUE RIMA COM
CORAGEM?

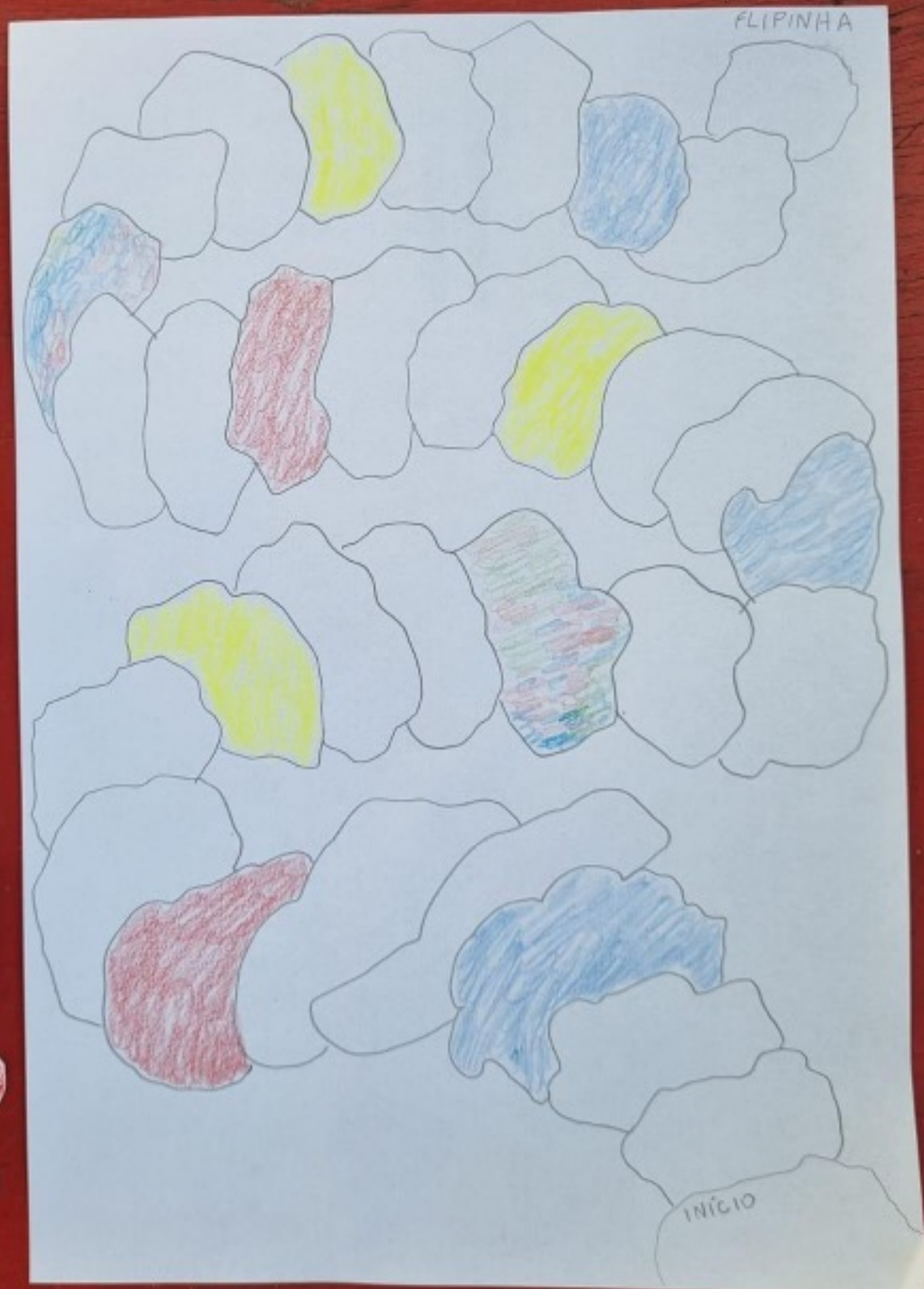
DIGA UMA
QUADRINHA OU
UMA ESTROFE DE
MÚSICA

O QUE É O QUE É
CAI DE PÉ,
LORRE DEITADO?

RESPOSTA: CHUVA

DIGA UM
POEMA OU
TRAVA-LÍNGUA

DIGA UMA
PARLENDA OU
TRAVA-LÍNGUA



Anexo Paulo Leminski

Apresentação

Queridos professoras e professores,
Trazemos Paulo Leminski, o homenageado da 23ª Flip, para este manual, para aproximá-los ainda mais deste grande poeta. Leminski tem uma pegada *pop*, pela linguagem direta, coloquial, com elementos da cultura popular, o que o faz chegar a todos os cantos. Seus poemas percorrem as ruas, se concretizam em muros, camisetas, músicas, livros, saltam nas bocas durante os saraus.

Ele nos brinda com esse Haicai, no qual, com muita brincadeira e humor, fala de amor. Traz uma expressão popular, "nem vem que não tem", joga com rimas e com a imagem de meios de locomoção que levam a outros lugares.

nem vem que não tem
nenhum navio ou trem
me leva a outrem

[*Toda poesia*, Paulo Leminski, p. 318]

Aqui, você encontrará um pouco sobre a biografia do poeta, uma degustação de seus poemas, bibliografia e ideias para explorar com os estudantes.

Desejamos que essa publicação amplie os elos entre a Flip e toda a comunidade escolar, deixando-os com mais vontade de ler os poemas de Paulo Leminski.

Excelente leitura!

Paulo Leminski por
Dico Kremer, 1980



Paulo Leminski

Notas biográficas

Paulo Leminski Filho nasceu em 24 de agosto de 1944. Foi faixa preta de judô, músico, professor, publicitário, crítico literário e jornalista. Tem origem polonesa, pelo lado do pai, e brasileira, pela mãe. Um dos seus livros, lançado em 1980, leva o título *Polonaises*.

Leminski se apaixonou por arte, literatura e idiomas por volta dos 11 anos. Em sua trajetória pensou em estudar para ser monge, mas desistiu ao perceber que não tinha vocação. Em 1989, Leminski morreu, aos 44 anos.

Paulo Leminski

por Ana Lima Cecílio¹³

Quem é Paulo Leminski?

Paulo Leminski é, antes de tudo, um poeta. Mas o que, afinal, é um poeta? Há muitos jeitos de definir um poeta e a poesia, mas é sempre bom começar pelo que *não é*. A poesia *não é* um jeito difícil de falar sobre as coisas. *Não é* juntar palavras como numa charada, que o leitor tem que ficar adivinhando o que quer dizer. A poesia *não é*, nunca, um enigma.

A poesia é, sim, um tipo de brincadeira, que a gente faz com o que todo mundo, mas todo mundo mesmo, tem nas mãos. Ou na boca. Ou nos ouvidos. A poesia é uma brincadeira feita de palavras, com as palavras que todo mundo usa, com graça, imaginação e sentido. Porque, dependendo do jeito que a gente organiza as palavras, conseguimos dizer as coisas com mais ou menos graça, com mais ou menos emoção. E o poeta é quem presta tanta atenção nas palavras que, quando junta elas todas, faz quase um milagre, que é ajudar a gente a entender

13 Ana Lima Cecílio é curadora do programa artístico da 22ª e da 23ª Flip.

o mundo (e o amor, a vida, a cidade em que a gente vive, a relação entre as pessoas) de um jeito especial.

E o que é a poesia?

Paulo Leminski gostava tanto de palavras e de poesia que ele mesmo tem um poema em que simplesmente junta as muitas definições que outros poetas, que ele admirava muito e que vieram antes dele, deram sobre a poesia.

Nesse poema, os outros poetas dão belas definições:

"Palavras postas em música"
(Dante, um poeta italiano)

"Uma viagem ao desconhecido"
(Maiakóvski, um poeta russo)

"Permanente hesitação entre som e sentido"
(Paul Valéry, um poeta francês)

"Se faz com palavras, não com ideias"
(Fernando Pessoa, um poeta português)

"O impossível feito possível"
(Garcia Lorca, um poeta espanhol)

[trechos, p. 246]

E muitas outras definições, inclusive a dele mesmo, do Paulo Leminski:

“A liberdade da minha linguagem”

E o que é a liberdade da linguagem?

Um poeta sabe, e o Leminski sabia muito bem, que as palavras estão no mundo pra gente brincar com elas. Juntar uma, duas, três até que dali saiam **ideias**. E com essas ideias a gente pode pensar sobre o mundo, mudar nosso ponto de vista, entender as coisas que estão por trás das frases com que a gente está tão acostumado, e repete tanto, que já parece nem prestar atenção. Poesia é um jeito de prestar atenção nas coisas que estavam chatas demais. E sabe por que é legal prestar atenção nas coisas? Porque elas estão cheias de histórias, de belezas, de sentimentos. Nem tudo são histórias bonitas e alegres, tem muita tristeza também. Mas até as histórias tristes merecem ser lembradas e ouvidas.

Quando a gente lê um poeta como o Leminski, vamos levando vários sustos. Porque a gente entende que a nossa linguagem, o jeito que a gente se comunica com o mundo, não serve só para dizer coisas úteis e nos comunicar. A gente entende que a nossa língua e a linguagem são uma diversão, que as palavras podem ser engraçadas ou tristes, que algumas frases prometem coisas, que quebrar essa expectativa é um jeito de pensar sobre o mundo, que rima é um jeito de pensar as palavras que combinam

entre si, mesmo se os sentidos delas não combinam, e que tem um milhão de brincadeiras que a gente faz sem precisar de brinquedo nenhum — quer dizer, com esses brinquedos incríveis que são as próprias palavras.

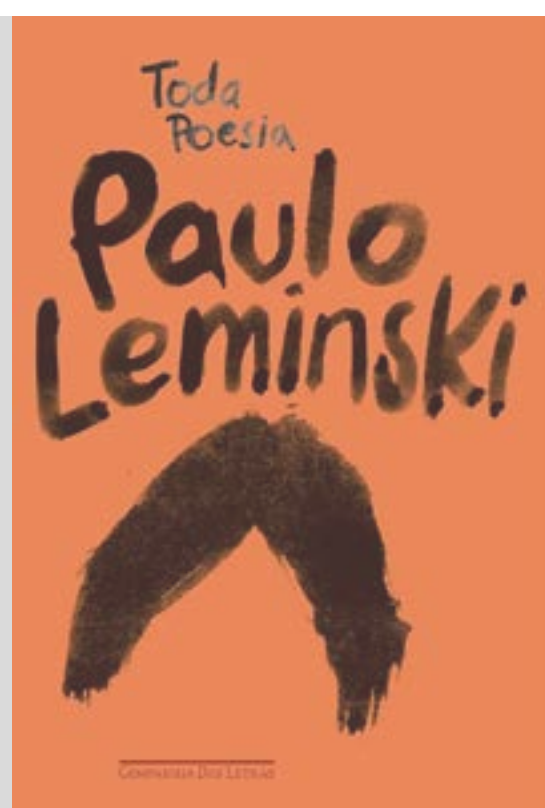
Por que o Leminski foi tão importante?

A Flip quis fazer essa homenagem ao Leminski porque ele foi um poeta que entendeu que a poesia tem que estar em toda parte, mesmo sabendo que muita gente tem medo de poesia. Muita gente acha que poesia é só para quem lê muito, e conhece todas as regras da gramática, e já leu tanta coisa que é capaz de desvendar os mistérios do poema. Nada disso. Todo mundo que fala, desde um bebê que só sabe umas 10 palavras até alguém que não sabe escrever, é muito capaz de poesia. Todo mundo que se comunica pode fazer poesia.

Foi isso que o Leminski entendeu: que não são as pessoas que têm que chegar nos poemas, mas os poemas é que têm que chegar nas pessoas. Então ele começou a estudar vários jeitos de fazer a poesia se derramar nas cidades: botar poema em camisetas, pichar poemas nos muros, projetar poemas em grandes telas, fazer um monte de letras para cantar os poemas, inventar desenhos de palavras que já sejam poesia. E ele fazia isso tão bem que se tornou um poeta muito popular, mesmo depois de sua morte. Hoje em dia, muita gente ainda repete seus poemas com um sorriso nos lábios, porque é tão gostoso ler os versos e saber que a gente

entendeu, não só na cabeça, mas também no coração.

Livro em destaque: Convite à leitura



O livro reúne a trajetória completa do autor com haicais, canções, poemas concretos e líricos. É um convite para saborear a poesia de Paulo Leminski.

Para apreciarmos, apresentaremos alguns poemas.

tudo dança
hospedado numa casa
em mudança

[P. 311]

Neste Haicai há uma imagem, mas também uma sensação. Dançar aqui pode ser movimentar, mas também pode se referir à gíria de não dar certo. A casa em mudança traz o sentido de transferência, mas também de transformação. É um texto curto, mas diz muito sobre um momento.

É a forma como o texto é construído, com a precisão das palavras, que nos deixa a pensar, a sentir, a imaginar.

entendo
mas não entendo
o que estou entendendo

[P. 318]

O jogo com a palavra "entendo" traz um silêncio, que preenchemos com experiências pelas quais passamos. Você já passou por isso?



[P. 148]

Esse poema concreto brinca com a forma, com as palavras, e nos diz sobre o efêmero, o que resta. Traz, nas entrelinhas, o tempo.

arte do chá

ainda ontem
convidei um amigo
para ficar em silêncio
comigo

ele veio
meio a esmo
praticamente não disse nada
e ficou por isso mesmo

[P. 188]

O poeta nos faz sorrir, imaginar, e, com esse silêncio do vazio em "praticamente não disse nada", diz tanto sobre o momento vivido quanto sobre a amizade.

Paulo Leminski trouxe seus poemas para ecoarem na gente. Foi conhecido como poeta da Geração Mimeógrafo, pois criava sem buscar o aval das editoras. Ousava. Fazia uma poesia marginal, criava parcerias com músicos e seus poemas e letras de música foram gravados por Itamar Assumpção, Caetano Veloso, Arnaldo Antunes, José Miguel Wisnik, Zizi Possi e tantos outros.

Bibliografia

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*.

São Paulo: Companhia das Letras, 2013

Descartes com lentes.

Curitiba: Arte & Letra, 2024

Song book Paulo Leminski.

São Paulo: Iluminuras, 2015

Agora é que são elas.

São Paulo: Iluminuras, 2014

Vida.

São Paulo: Companhia das Letras, 2013

O ex-estranho.

São Paulo: Iluminuras, 2009

Catatau.

São Paulo: Iluminuras, 2004

LEMINSKI, Paulo, Suplicy, João. *Winterverno*.

São Paulo: Iluminuras, 2014

La vie en close.

São Paulo: Brasiliense, 2000

Metamorfose: uma viagem pelo imaginário grego.

São Paulo: Iluminuras, 1994

Distraídos venceremos.

São Paulo: Companhia das Letras, 1987

Caprichos e relaxos.

São Paulo: Companhia das Letras, 1983

Polinaise. 1980

Livros infantis

Paulo Leminski também criou textos voltados para a infância:

A lua foi ao cinema.

São Paulo: Pau Brasil, 1989

Bicho alfabeto.

São Paulo: Companhia das Letras, 2014

Guerra dentro da gente.

São Paulo: Scipione, 1986

Instantes: Leminski para crianças.

São Paulo: Mundo Benvirá, 2024

Conversa com professora e professor

Trabalhar poesia com os estudantes traz encantamento e muitas reflexões. Nesse manual, trouxemos três poetas – Paulo Leminski, Roseana Murray e Antônia Gomes Minchoni – que estarão na Programação da 23ª Flip, em 2025. Que tal pesquisar com os estudantes poemas destes poetas e de mais alguns outros?

Você pode propor que cada estudante escolha seu poema preferido e crie uma ilustração com colagem, desenho ou técnica mista. É necessário que haja um diálogo entre a imagem criada e o poema.

Para que possam observar esse diálogo, basta apreciar uma página de um livro ilustrado e verificar a relação entre essas duas linguagens, a visual e a escrita.

Outra proposta semelhante é escolher um trecho de um poema, um verso ou dois, uma estrofe de música, e criar uma ilustração para essa parte do texto escolhido por cada estudante. No Instagram, o grupo @austr_alas pode ser uma inspiração.

O importante é que cada aluno pesquise nos livros de poesia e encontre aquilo que é significativo para si mesmo.

Outra forma de aproximá-los da poesia é observar as letras de música: Leminski tem vários poemas musicados, ou letras de música que são poemas. Procure uma letra do universo musical de seus estudantes, assim, eles passarão a ver tanto as letras das canções como a poesia com outros olhos.

Lembre-se de inventar novas possibilidades, criar de acordo com o contexto do seu grupo!

Ficha técnica Educativo Flip 2025

Conselho Flip

Liz Calder (presidente)

Belita Cermelli

Carlos Augusto Calil

Esther Hamburger

Louis Baum

Mauro Munhoz

Conselho Fiscal

Adelmo Nunes Pereira

Direção de Cultura e Educação

Belita Cermelli

Gestão

Mariana Benchimol (gestão executiva)

Andresa Prado (gestão operacional)

Luis Filipe Pôrto (gestão curatorial e de conteúdo)

Comunicação e Relacionamento

Juliana Gola (coordenação comunicação)

Dárkon V. Roque (design gráfico)

Julianna Henriques (relações públicas)

Gilmara Kíria (articulação comunitária)

Tayná Pádua (comunicação)

Rebeca Hidalgo (assessoria de comunicação)

Agatha Tavares (estagiária)

Rebecca Macedo (estagiária)

Projetos

FlipZona

Lucia Caetano (coordenação geral)

Anna Eunice Ferreira de Mello (educadora)

Ações de permanência

Helô Pacheco (coordenação pedagógica)

Maia Pigot (monitoria)

Flipinha

Conselho curatorial 2025:

André Gravatá

Daniel Kondo

Geni Nunez

Julia Medeiros

Nina Rizzi

Waldete Tristão

Operações Flip

Marco Cachada (administração)

Patrocínios e parcerias

Claudia Jovino (coordenação de patrocínios e parcerias)

Janaína Fainer (analista de patrocínios e parcerias)

Flávio Pereira (analista de patrocínios e parcerias)

Gláucia Tiemi (assistente de patrocínios e parcerias)

Pedro Lopes (assistente de patrocínios e parcerias)

Matheus Pestana (assistente de patrocínios e parcerias)

Produção

Lucineide Silva (coordenação geral de produção)

Maíra Reis (produção local)

Cristiane Almeida (produção)

Vivi Rapuano (produção)

Og Torres (coordenador de campo)

Juliana Pinheiro (logística)

Kadu Rocha (coordenação de montagem)

Adriana Salomão (produção educativo)

Patrícia da Conceição (produção educativo)

Luana Reis (produção educativo)

Olga Gama (produção educativo)

Arquitetura cênica

Mauro Munhoz (direção)

Carmela Rocha (coordenação)

Matheus Romanelli (arquiteto)

Carolina Wieck (arquiteta)

Amanda Camara (arquiteta)

Administrativo-financeiro

Luana Lima (coordenação administrativa financeira)

Lígia Andrade (analista administrativo/financeiro)

Raquel Carvalho (assistente administrativo)

Ed Neto (coordenação de departamento pessoal)

Tatiana Rangel (assistente de departamento pessoal)

Maria Fernanda Paiva (assistente de departamento pessoal)

Consultorias

CQS/FV - Cesnik, Quintino, Salinas, Fittipaldi e Valerio Advogados (assessoria jurídica)

Pinheiro Neto Advogados (assessoria jurídica)

Adani Advogados (assessoria jurídica)

Ana Maria B. Lima (assessoria em leis de incentivo)

Renata Figueiredo (assessoria em leis de incentivo)

Mais Diferenças (acessibilidade)



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



patrocínio jequitibá



patrocínio figueira



patrocínio guapuruvu



patrocínio cedro



apoio institucional



criação e realização

casaAzul



MINISTÉRIO DA
CULTURA

